

Mensagem Final



# XXII ASSEMBLEIA GERAL DA CLAR


Quito – Equador,  
de 1º a 04 de maio de 2025



Abrigados pelas montanhas de Quito, que com seu verde espesso evocam e clamam por esperança, e que com sua altura permitem que os ecos dos gritos de nossos povos, imortalizados pela arte de Guayasamín, continuem ressoando, reunimos irmãs e irmãos de 18 Conferências Nacionais, acompanhados por queridos convidados.

Com o sabor agri-doce da páscoa do Papa Francisco, nos sentimos constantemente desafiados, como Vida Religiosa, a continuar seu legado nestas terras latino-americanas e caribenhas, tão feridas quanto perseverantes. Conhecemos e sofremos com a angústia pela qual muitas de nossas irmãs e irmãos estão passando, especialmente no Haiti e na Nicarágua. Também abraçamos, de





forma comovida, a dor expressa por nossas Irmãs da LCWR (Conferência de Religiosas dos Estados Unidos), devido à situação política em seu país. Mas, a partir e além de nossas fragilidades, continuamos a acreditar e a proclamar, como as *“Mulheres da Aurora”*, que a(s) morte(s) não tem(têm) a última palavra. Reconhecemos a grande quantidade de vida que continua a nascer de nossa entrega, e também nos sentimos urgentemente desafiadas/os a repensar e ressignificar a nós mesmas/os, a partir dessa mistura de graça e barro que nos constitui.

Temos sido afligidos pela lembrança dos novos “rostos da pobreza” (Puebla nº 31-39) que, como sinais do anti-Reino, emergem em nossos territórios clamando por libertação: migrantes forçados, vítimas de tráfico humano, crianças e adultos vulneráveis, comunidades indígenas ainda negligenciadas, vítimas de abuso, gritos da Mãe Terra ferida... Em suma, gritos de todos quantos (sobre)vivem nas periferias existenciais de nossas sociedades e igrejas.

Ao longo desses dias, percebemos a importância de buscarmos novas formas de relacionamento que privilegiem o humano e a sacralidade de toda a criação, forjadas na revolução da ternura e do serviço a partir de baixo, em busca de uma humanidade e de uma Igreja onde “todos, todos, todos” tenham um lugar.

Repitamos, como diz o salmista, *“como é bom que os irmãos vivam juntos em harmonia”* (Sl 133,1). Porque em harmonia, ao ritmo do Espírito, vivemos uma verdadeira assembleia sinodal, relembrando e fazendo um balanço do que vivemos nos últimos três anos. Reconhecemos, com corações agradecidos, o acompanhamento e a animação da Presidência que conclui seu serviço e que nos inspirou com sua criatividade, abriu caminhos com sua visão, deu testemunho com sua coerência e espalhou paixão com seu compromisso. Aguardamos ansiosamente a eleição da próxima presidência para salvaguardar e continuar seu legado.

Discernimos o ícone bíblico para o Horizonte Inspirador, e a Ruah divina nos deu a figura de Nicodemos (Jo 3,1-12) em seu encontro com Jesus, para que ele possa pegar a tocha da esperança que lhe foi dada pelas *“Mulheres da Aurora”*. Elas haviam acolhido com entusiasmo a mensagem do anjo: *“Não tenham medo, não procurem entre os mortos aquele que está vivo”* (cf. Lc 24,5; Mt 28,5); e Nicodemos, mesmo em meio a suas insatisfações e noites escuras, tinha se animado a um itinerário de busca pela Vida diante de tantas ofertas de salvação que já cheiravam a morte.

“Nascer de novo”, portanto, é o convite que o Mestre dirigiu ontem a Nicodemos e hoje apresenta novamente à Vida Religiosa na América Latina e no Caribe.



“Nascer de novo”, que só é possível pelo poder sutil e imprevisível do Espírito que propõe e não impõe, e por nossa livre abertura para dar um salto e nos deixar moldar.

“Nascer de novo” que pressupõe acreditar que é possível renascer de nossas fragilidades e contradições, porque estamos fundamentados em uma esperança que ‘não decepciona’ (Rm 5,5), pois na Páscoa ela se revelou mais forte do que a morte (cf. 1Cor 15,54-55).

“Nascer de novo”, que, como Nicodemos (cf. Jo 7,50-52), nos levará a enfrentar os poderes que oprimem e nos moverá a defender a justiça diante de tantas Irmãs, Irmãos e territórios pisoteados.

“Nascer de novo”, que nos convidará a renovar nossa doação até o fim: generosa, não calculada, superabundante, como os cem quilos de ‘uma mistura de mirra e aloés’ (Jo 19,39) que Nicodemos trouxe para ungir o corpo de seu Mestre.

“Nascer de novo”, o que talvez nos levará a percorrer caminhos inéditos, ou que devem ser percorridos novamente, mas de maneira diferente, assumindo a audácia de desconstruir para reconstruir, como Nicodemos, que se arriscou a ir além de leis que não o libertavam, de ritos que não tinham significado e de instituições que não o representavam.

Desde estas terras do “meio do mundo” que tão calorosamente nos acolheram, queridas irmãs e irmãos, reafirmamos nosso desejo e opção como Vida Religiosa – sentinela e peregrina de esperança – de apostar em um renascimento constante e inabalável, conscientes da advertência inadiável que Jesus fez a Nicodemos, e que hoje recorda a todos e a cada um de nós: *“aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus”* (Jo 3,3).

Quito – Equador, 03 de maio de 2025  
Participantes da 22ª Assembleia Geral da CLAR